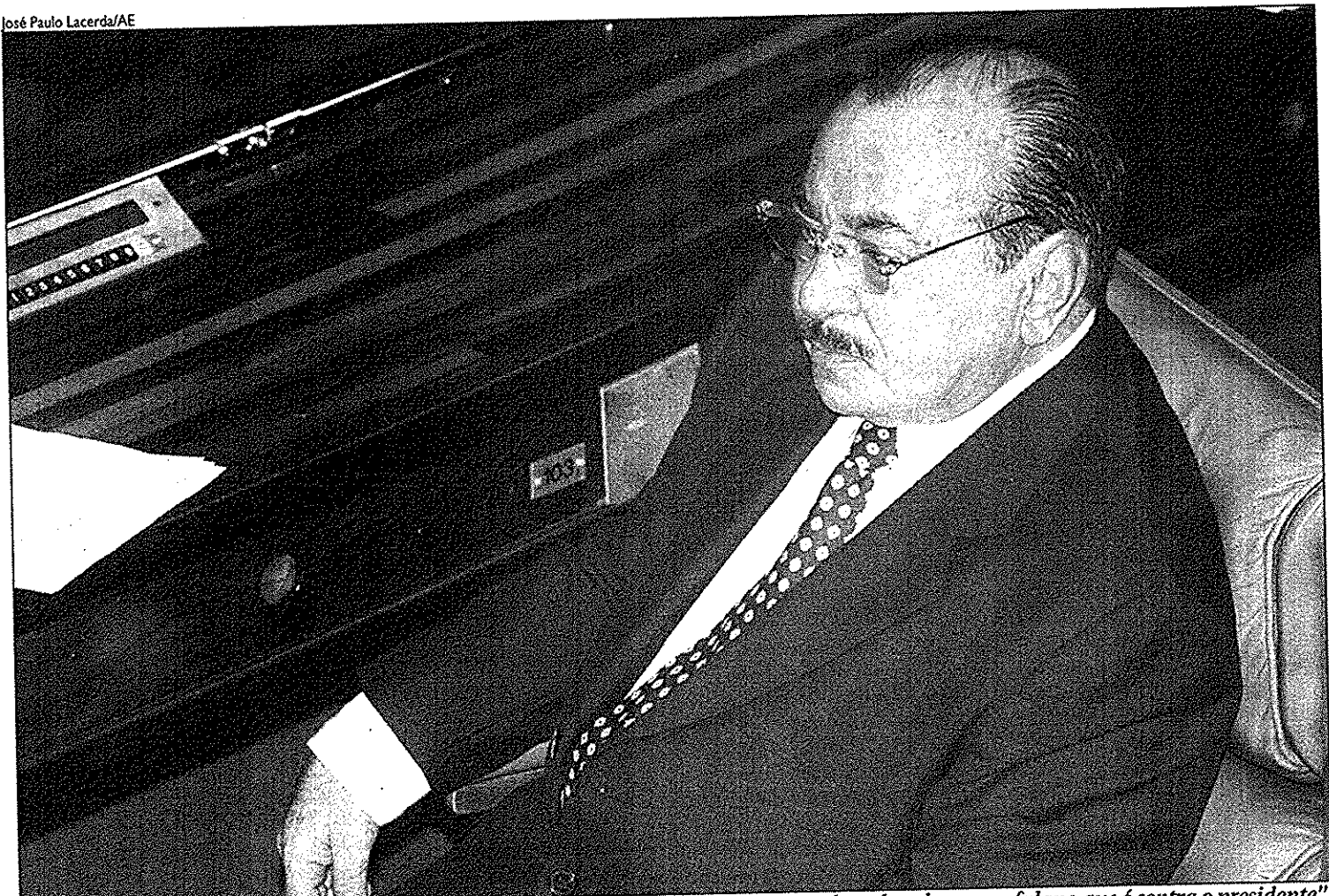


José Paulo Lacerda/AE



Mestrinho, que é contra a posse do diretor do Inpa: "Ele é um homem do PT. Seria um absurdo colocar um fulano que é contra o presidente"

# Quando a política tenta entrar no meio acadêmico

*Senadores governistas querem impedir posse do novo diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia porque ele é do PT*

Ana Beatriz Magno  
 Da equipe do Correio

**P**olíticos tradicionais e cientistas modernos. Não há casamento mais desastroso. Há dois meses, o deputado Artur Virgílio Neto (PSDB-AM) e o senador Gilberto Mestrinho (PMDB-AM) tentam interferir na escolha do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Inpa, uma das instituições científicas mais respeitadas do país.

Artur e Mestrinho, ex-adversários, se uniram para impedir a posse do professor Marcus Barros, eleito pelos pesquisadores em novembro do ano passado e, em março, aprovado em concurso público nacional para o cargo. As normas do concurso ficaram definidas na portaria 106 do Ministério da Ciência e Tecnologia, assinada pelo então ministro Luiz Carlos Bresser Pereira.

Foi a primeira vez em que um diretor de centro de pesquisa passou por esse tipo de seleção, método comum na maioria dos países desenvolvidos. O médico Marcus e os outros candidatos

se submeteram a uma banca de "notáveis", formada por cinco cientistas, escolhidos pelo próprio Bresser. Avaliaram currículo, plano de trabalho escrito e fizeram entrevistas com cada um dos concorrentes.

"Na apresentação do programa de trabalho, Marcus Barros mostrou segurança. Foi de longe o melhor candidato. Nota

9,5", escreveu em seu parecer, Paulo Yoshio Kageyama, um dos jurados. "É um profissional com experiência em gestão e de pensamento estratégico. Parece ter relacionamento grande com a comunidade científica", assinou Vera Bloch, outra

integrante da banca examinadora.

Mas, em pouco tempo, a avaliação dos especialistas trombou nas filigranas do submundo político. No final de julho, Bresser deixou o Ministério e saiu sem assinar a nomeação do novo diretor do Inpa. Os inimigos políticos de Barros adoraram. Há dois meses, tentam convencer o novo ministro, Ronaldo Sardemberg, a desconsiderar o resultado do concurso. O argu-

mento é um só: Barros é filiado ao Partido dos Trabalhadores.

"Ele é um homem do PT, fez campanha contra o presidente. Seria uma deslealdade, um absurdo, colocar no Inpa um fulano que é contra o presidente", diz Mestrinho, senador e ex-governador do Amazonas. Se é correto desconsiderar o resultado de um concurso, com normas definidas por um ministro? Mestrinho responde: "Bresser fez muita bobagem."

O parlamentar, hoje presidente da Comissão Mista de Orçamento, acha que tem uma solução para o cargo. "A gente pega um cientista qualquer e põe lá", disse ao Correio Brasileiro, sem fazer qualquer ressalva à necessidade de experiência em temas amazônicos. "O importante é que o diretor do Inpa é um cargo de auxiliar do presidente", comentou.

## COMPRAR BRIGA

Outro que está convencido de que é bom mudar o resultado do concurso é o deputado Artur Virgílio Neto (PSDB-AM), líder do governo no Congresso e diplomata de formação.

"Marcus Barros não será nomeado. Agora isso é uma questão minha e não acredito que o ministro Sardemberg queira comprar essa briga comigo e com o presidente da poderosa Comissão do Orçamento, o senador Mestrinho", ameaçou Virgílio que, na tarde da última sexta-feira, conversou sobre o assunto com Sardemberg.

No mesmo dia, Virgílio assinava coluna no Jornal A Crítica, de Manaus, onde outra vez desqualificou o concurso e intimi-

dou: "Direito divino à nomeação ele não tem. E pela pressão ilegítima que companheiros seus vêm exercendo posso garantir que não será nomeado mesmo", escreveu.

O que Virgílio está chamando de "pressão ilegítima" é um abaixo-assinado com 138 assinaturas dos 250 pesquisadores do Inpa, organizado pela Associação de Pesquisadores da instituição. Também incomoda o deputado o apoio da Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência, SBPC, ao nome de Barros.

No dia 10 de agosto, Glacy Zancan, presidente da SBPC, mandou carta a Sardemberg elogiando a maneira como Barros foi escolhido. Zancan diz que o concurso, chamado no meio acadêmico de Comitê de Buscas, "é o mecanismo mais adequado para a escolha de dirigente das instituições de pesquisas brasileiras."

Na comunidade acadêmica tem importância, mas parece pouco para o diplomata-deputado. Virgílio continua achando que a política deve mandar na questão. "O governador do estado (Amazonino Mendes) e sua bancada não julgam pedagógica a nomeação de um adversário para cargo de confiança do governo", escreveu o deputado em sua coluna.

Marcus Barros, médico, ex-reitor da Universidade do Amazonas, é também acusado pelos adversários de querer dirigir o Inpa para depois se candidatar à prefeitura de Manaus. "Eu queria ir para lá porque essa é minha praia. Sou um pesquisador. Não armo salto aqui para ganhar outro ali", argumenta Barros.

**"DIREITO DIVINO À NOMEAÇÃO ELE NÃO TEM. POSSO GARANTIR QUE NÃO SERÁ NOMEADO MESMO"**

Artur Virgílio Neto  
 senador pelo PSDB-AM